

As implicações da pluriatividade na agricultura familiar no distrito de Morrinhos - Guanambi/BA

Davelice Teixeira Santos

Graduanda em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica pela UNEB Campus VI
E-mail: davelicesantos@hotmail.com

Ângela Carla Paixão de Souza

Graduanda de licenciatura em geografia pela UNEB Campus VI
E-mail: (anngella-22@hotmail.com)

Débora Miranda Pereira

Graduanda de licenciatura em geografia pela UNEB Campus VI
E-mail (de_binhagbi@hotmail.com)

Orientadora

Francely da Silva Oliveira

professora do Departamento de Ciências Humanas UNEB VI
(frangeografa@hotmail.com)

O presente trabalho aborda as implicações da pluriatividade na agricultura familiar no distrito de Morrinhos no município de Guanambi- BA, e analisa as transformações ocorridas através da inserção de novas práticas empregatícias com a chegada de grandes corporações na localidade e neste contexto é de interesse enfatizar a relevância da agricultura familiar para a economia local. A partir da situação abordada pôde-se observar que as atividades agrícolas no distrito de Morrinhos, paulatinamente, veem perdendo seu espaço para outras fontes empregatícias e simultaneamente, percebe-se que a pluriatividade se faz cada vez mais presente no campo. Como embasamento teórico foram utilizados teóricos que abordam essa temática, como Guanziroli (2009), Alentejano (2001), Scheider (2003) e entre outros que abordam significativamente a temática aqui abordada, contribuindo veementemente para nos posicionarmos perante a conjuntura organizacional dessas práticas agrícolas.

Palavras-chave: Pluriatividade. Agricultura familiar. Distrito de morrinhos.

Reflexões introdutórias

Este trabalho tem como finalidade analisar a estrutura econômica do distrito de Morrinhos no município de Guanambi-Ba, a partir da concepção da agricultura familiar e as implicações sofridas em relação à pluriatividade no campo. No decorrer da discussão é de profundo interesse evidenciar a presença marcante da produção

agrícola no distrito, abordando a sua relevância econômica e os problemas ocasionados por diversos fatores que afetam o seu desenvolvimento.

Atualmente a agricultura familiar vem conquistando espaço nas discussões de cunho político-social e também nas academias brasileiras. Em meados da década de 1990 os estudos agrários despertam o interesse dos pesquisadores brasileiros, que desse modo retomam a essa temática, não se atendo apenas à agricultura e a produção agrícola, mas também atribuindo maior significância ao espaço rural.

O município de Guanambi, situado no sudoeste baiano, se tornou nos últimos decênios um médio centro de comércio regional e em meados da década de 1980 ganhou impulso no sistema de produção agrícola chegando a ser destaque em 1985 com a maior área de plantio da Bahia. No final dos anos 80, a extensa produção algodoeira, responsável por caracterizar Guanambi como a cidade do algodão, sofre uma forte crise com a brusca queda na produção como consequência do surgimento de pragas, levando esse setor produtivo a uma inevitável decadência. No entanto, a partir dos anos 90 outros segmentos comerciais começam a se despertar e sustentar a economia local. Apesar do aparente equilíbrio nos últimos anos na produção de algodão, outros cultivos como o plantio de tomate vêm ganhando espaço na região e se tornando uma das principais fontes de renda no campo, principalmente, para as famílias do distrito de Morrinhos e comunidades circunvizinhas.

Breve retrospecto da agricultura familiar no Estado da Bahia

A agricultura familiar trata-se do cultivo da terra realizado por pequenos produtores rurais, onde predomina o trabalho entre familiares, que por sua vez dirigem o processo de produção. Essa atividade é um grande segmento do agronegócio e corresponde a quase 70% da produção interna de alimentos em todo o país. Em sua essência a agricultura é desenvolvida desde tempos remotos e a princípio, essa organização social de camponeses e pequenos produtores era voltada para a autossustentância familiar. Entretanto em decorrência da inserção do capital no campo e conseqüentemente das novas tecnologias, apesar de haver contestações sobre a sua sustentação, ela se mantém viva devido a alguns fatores, dos quais Guanzioli destaca:

Os agricultores familiares utilizam os recursos produtivos de forma mais eficiente que os patronais, pois mesmo detendo menor proporção da terra e do financiamento disponível, produzem e empregam mais do que os patronais. (GUANZIROLI, 2009, p.55).

A agricultura familiar não está ligada apenas a um estilo de vida, mas a uma atividade comercial e profissional. Nas palavras de Guanziroli (2009) percebe-se que, embora os agricultores familiares não disponham de recursos produtivos e de mecanização, os mesmos desempenham suas atividades com mais habilidades do que os patronais. Com o passar dos anos se percebe claramente que os pequenos campos continuaram firmes, porém se adequaram as novas formas de produção, passando a servir de complemento para a renda dos camponeses.

Atualmente a agricultura familiar se encontra espalhada pelo meio rural em diversas regiões do Brasil, mostrando-se forte em alguns setores nacionais como: 70% da produção de feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo (IBGE,2006).

A Bahia se destaca com o maior número de estabelecimentos agropecuários de base familiar do Brasil. O censo agropecuário (2006) mostra que na Bahia se concentra o maior número de agricultores familiares do país e empreendimentos familiares, o que corresponde a 87% dos estabelecimentos agropecuários do estado, correspondendo a 11% do PIB baiano.

Segundo Santos (2009) “As tecnologias de gestão são indispensáveis para obter resultados satisfatórios no atual cenário econômico, que apresenta muitas dificuldades (crédito, capacitação técnica, acesso a tecnologias etc.), mas também várias oportunidades para quem estiver apto a aproveitá-las”. Nesta vertente, é válido ressaltar que apesar de ser crucial para a ostentação econômica, a agricultura familiar ainda perpassa por várias dificuldades, como a baixa qualificação profissional, a precarização de insumos agrícolas e também a dificuldade de se obter crédito financeiro, além de problemas climáticos, como os longos períodos de estiagem no nordeste.

Embora seja o estado com maior presença de agricultura familiar, os recursos creditícios são ainda relativamente baixos, quando comparados ao sul e sudeste brasileiro. Dessa forma o desempenho das atividades agrícolas fica sujeito a precarização quando se trata do pequeno produtor.

Portanto, há a necessidade de políticas públicas que atuem com a principal finalidade de oferecer subsídios necessários aos pequenos agricultores, afim de que consigam ostentar a sua produção através de estratégias governamentais, que os propiciem maior segurança no exercício de suas atividades camponesas, que em sua maioria são desvalorizadas e desemparradas.

Pluriatividade no campo

O fenômeno da pluriatividade ganhou espaço nas discussões acadêmicas no Brasil a partir da década de 1990, mediante os estudos que se dedicaram a compreender as estratégias de reprodução social, frente à agricultura familiar. O termo é confuso e às vezes se confunde com as atividades de cunho não agrícola que em determinadas situações são expostas como sinonímias, embora apresentem características específicas.

O conceito de pluriatividade é bastante complexo e apresenta controvérsia, pois inexistente um consenso sobre a sua conceituação e essa situação segundo Scheider (2003) é devido a falta de clareza que se tem no Brasil sobre o fenômeno que se almeja referenciar. No entanto se faz indispensável diferenciar as atividades não agrícolas e as pluriatividades. As atividades não agrícolas são aquelas atividades que não estabelecem elo com as atividades agropecuaristas. No entanto o desempenho de atividades não agrícolas não determina a existência da pluriatividade. Se todos os indivíduos duma família rural desenvolverem atividades de cunho não agrícola, por sua vez não se caracterizará a pluriatividade. Nessa perspectiva, Souza e Souza (2008) ratifica que,

[...] a pluriatividade necessariamente implica na existência de atividades não-agrícolas, mas a existência de atividades não-agrícolas não necessariamente implica na existência da pluriatividade, pois, se no limite todos os indivíduos de uma família rural estiverem envolvidos somente com atividades não-agrícolas, esta por sua vez, não será pluriativa.

Atualmente, o crescente desenvolvimento de técnicas de modernização no campo, favoreceu o processo de proletarização que fomenta o acréscimo da mão de obra assalariada, mesmo que se preserve a agricultura familiar. Entretanto esses assalariados são considerados semiproletários, pois são produtores rurais que

devido à incapacidade de sua produção suprir suas necessidades, vende esporadicamente a sua força de trabalho, porém retomando as suas atividades agrícolas em determinadas épocas do ano.

Ainda tentando compreender a conceituação de pluriatividade Sacco dos Anjos enfatiza que:

[...] trata-se de um fenômeno no qual os componentes de uma unidade familiar executam diversas atividades com o objetivo de obter uma remuneração pelas mesmas, que tanto podem desenvolver-se no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativas centradas na própria exploração (industrialização a nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva) que conjuntamente impliquem no aproveitamento de todas as potencialidades existentes na propriedade e/ou em seu entorno. (SACO DOS ANJOS, 2003, p.90,91 *apud* CASALINHO e MACHADO,2010).

Sob essa ótica, a pluriatividade também pode ser compreendida como o mecanismo utilizado pelo pequeno agricultor para a sua permanência no meio rural em função das dificuldades que se encontram em se sustentar somente através da sua produção de alimentos, que na maioria das vezes sofre a desvalorização comercial. Por isso a pluriatividade “[...] é considerada a marca desse novo agricultor ao permitir que a pequena propriedade agrícola familiar passe novamente a ter sucessores, além de evitar a saída das famílias para outras regiões”. (RAMBO, 2005, p.14 *apud* OLIVEIRA, 2012).

As relações agrícolas aqui expostas devem ser analisadas no bojo das relações capitalistas, visto que todas as relações sociais e econômicas existentes estão intrínsecas e subordinadas à égide do capital. São evidentes as contradições no cerne do próprio sistema capitalista, que surge contraditório e promove o aprisionamento do trabalhador, fazendo dele escravo do sistema de produção capitalista. Nesse sentido Alentejano (2001) afirma que:

[...] o desenvolvimento da pluriatividade significa uma forma de acentuação da exploração capitalista, na medida em que faz parte do conjunto de transformações em curso no mundo de hoje que apontam para a flexibilização e precarização das relações de trabalho e para a reestruturação produtiva, que têm como efeito básico o aumento da exploração do trabalho e a ampliação da margem de lucro dos capitalistas (ALENTEJANO, 2001, p. 152).

Concordando com Alentejano, é inegável a capacidade que o sistema capitalista possui de articular as massas para atender aos seus interesses. Nessa conjuntura, é impossível desprender-se do sistema que é vigente em quase todo o mundo. No que tange a pluriatividade, o pequeno produtor camponês pode também ser compreendido como fruto desse sistema, assim como toda classe proletária que dependem unicamente da venda de sua força de trabalho para garantir a sua sobrevivência nesse sistema perverso.

Nessa perspectiva, Smith (1988) enfatiza que,

Com a histórica liberdade dos trabalhadores dos meios de produção, eles são totalmente dependentes da venda de sua força de trabalho. Por outro lado, no capitalismo a liberdade de uso do trabalho é totalmente dependente do reinvestimento de uma parte do valor excedente, de modo a produzir mais. (SMITH, 1988, p. 86)

Sob essa vertente gera-se uma falsa sensação de liberdade, já que o sistema vigente, responsável pela produção e circulação de mercadorias articula sabiamente para que os trabalhadores sejam inseridos num círculo vicioso, produzindo, consumindo e se especializando para atender o mercado de produção. Fazendo alusão à vários estudiosos que se comprometeram a estudar as relações capitalistas, a pluriatividade rural e suas implicações econômicas, serão observadas como esses elementos supracitados interferem direta ou indiretamente na estrutura econômica do distrito de Morrinhos, localizado na cidade de Guanambi na Bahia.

A agricultura familiar no distrito de Morrinhos

O distrito de Morrinhos se encontra localizado à cerca de 36 quilômetros de sua sede municipal, Guanambi que está distante a 796 quilômetros a sudoeste da capital baiana. Com uma população de três mil e quatrocentos e setenta e um habitantes, segundo o senso do IBGE de 2010, apenas 2157 (dois mil cento e cinquenta e sete) residem na zona urbana e 1314 (um mil trezentos e quatorze) na zonal rural, fator esse que condiciona a predominância da agricultura como economia majoritária, dando grande destaque ao cultivo de tomates.

Nos últimos anos, as atividades agrícolas no distrito de Morrinhos passaram a ter uma brusca redução em suas produções. Isso devido a chegada de empresas que ofertam novas oportunidades de emprego assalariado, atraindo a mão de obra do local. Dentre essas empresas merecem grande destaque a Renova Energia e a Iberdrola, responsáveis pela implantação de aerogeradores do Complexo do Alto Sertão I, nome atribuído ao Parque de energia eólica que abrange os municípios de Caetité, Guanambi e Igaporã. Como destaca Alves, Pinto e Santos (2012)

Atualmente, cinco grandes empresas vêm atuando na região: Renova Energia, Iberdrola, Polimix, Atlantic e EPP. Duas delas já iniciaram a implantação dos aerogeradores (Renova e Iberdrola), sendo que a Renova já inaugurou os primeiros 184 aerogeradores com capacidade de 294,4 Mw de potência instalada. (ALVES, PINTO E SANTOS, 2012, p.33).

Com a chegada dessas empresas na região surgem algumas implicações na agricultura familiar, visto que grande parte das famílias que sobreviviam unicamente do campo passam a ter novas fontes de renda, se tornando assalariadas e tendo a agricultura como segunda alternativa. A partir dessas transformações, o espaço rural vai se re/configurando através das relações sociais e capitalistas que se protagonizam em seu bojo. A pluriatividade implica algumas mudanças na estrutura econômica, estabelecendo novas relações comerciais que promovem a descentralização da agricultura familiar no distrito.

Dessa forma, as famílias passam a ter uma nova fonte de renda sem se deslocar para outras cidades ou estados, promovendo assim a circulação e permanência do capital na própria localidade. O giro desse capital faz com que o distrito se desenvolva economicamente, podendo observar as mudanças espaciais que ocorreram nos últimos anos. Vale ressaltar que a empregabilidade da mão de obra local nessas empresas é majoritariamente operária, ou seja, a mão de obra especializada é advinda de outros estados ou até mesmo países (frente ao predomínio de tecnologia europeia).

A migração da mão de obra camponesa, paulatinamente, perde espaço para as empresas que se instalam nessas regiões, embora sejam por tempo limitado. Porém, essas implicações fomentam melhorias econômicas para o distrito, visto que os produtos agrícolas sofrem demasiadamente com as oscilações em seus preços. As mercadorias que são produzidas na região de Morrinhos são comercializadas em

sua maioria nas feiras livres de Guanambi, que contam com a presença de comerciantes de outras localidades. Neste contexto, essas mercadorias sofrem influências de preços mediante as produções agrícolas de outras regiões circunvizinhas. Por isso, em determinadas época do ano os produtos agrícolas ficam com o seus preços em alta, e os mesmos são desvalorizados noutras, ratificando a lei da oferta e da procura.

Portanto, ficam evidentes as implicações da pluriatividade nas atividades rurais no distrito de Morrinhos, que suscita a descentralização das atividades agrícolas frente a outras oportunidades empregatícias, que na maioria das vezes propiciam às famílias camponesas melhor qualidade de vida.

Além das formas empregatícias aqui abordadas, o termo pluriatividade compreende outras dimensões, sendo bastante amplo e complexo. No distrito em estudo, é nitidamente percebido a inserção de outras atividades para complemento da renda familiar, sendo também compreendido como pluriativas. São inúmeras famílias que buscam noutras atividades uma forma de sustentação, visto que na maioria das vezes a agricultura se torna incapaz, por vários motivos, de suprir as suas necessidades básicas. A criação de animais bovinos, caprinos, aviários são comumente percebidos como complemento de renda familiar, além de outras profissões que são percebidas no bojo de famílias tipicamente agrárias, como cabeleireiros, pedreiros, diaristas, manicures/pedicures e dentre outras profissões que se emergem nesse contexto.

Considerações finais

No bojo das discussões levantadas, se faz necessário estabelecer uma análise sobre os efeitos gerados pela pluriatividade na agricultura familiar sob a égide capitalista. As atividades rurais ficam a mercê do jogo do capital e isso é claramente percebido através da desvalorização das culturas desenvolvidas no campo. Com seu trabalho sendo desvalorizado o camponês se vê obrigado a procurar outros meios de sobrevivência, vendendo sua força de trabalho e na maioria das vezes abandonando sua propriedade.

Através da implantação de grandes corporações no distrito de Morrinhos fica evidente uma redução expressiva das atividades agropecuárias, implicando positivamente e/ou negativamente na estrutura socioeconômica local.

Debater as questões que se referem ao assunto abordado requer um estudo minucioso, pois se trata de uma temática complexa que tende a se adequar segundo aos interesses capitalistas, e que por sua vez apresenta um caráter contraditório.

Referências

CANUTO, J. C. e CARMO, M. S. **Agricultura Familiar**/ Botucatu/SP: Giramundo, 2009.

Instituto Giramundo Mutuando/Programa de Extensão Rural Agroecológica - PROGERA.

GUANZIROLI, Carlos E. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI** [etal].Garamond. Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Mychel de Oliveira Figueiredo. **Tecnologias de Gestão para o Fortalecimento da Agricultura Familiar na Bahia, com Ênfase na Ovinocaprinocultura**. Viena pegs Eixo temático 6:inovações e tecnologias sociais.

SANTOS, Nícia Moreira da Silva. **A inadiplencia no microcrédito do pronaf: o caso do município de Barra-BA**. Salvador, 2009.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2003.

SOUZA, Raquel Pereira; SOUZA, Marcelo Santos. **O debate brasileiro sobre pluriatividade**: implicações sobre o desenvolvimento rural e as políticas públicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 2008.

ALENTEJANO, P. R. R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade brasileira? In: TEDESCO, J. O capital C. (Coord.) Agricultura familiar: realidades e perspectivas. 3 ed., Passo Fundo: UPF, 2001. p.149-175

MACHADO, Antonio Maciel Botelho. CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária. REVISTA NERA – ANO 13, Nº. 17 – JULHO/DEZEMBRO DE 2010 – ISSN: 1806-6755**

ALVES, Lílian Daiane dos Santos, PINTO, Ana Maria de Brito e SANTOS, Adenísia Teixeira.

http://www.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=9243554

OLIVEIRA, Francely da Silva. **Agricultura camponesa e pluriatividade: refletindo as relações de trabalho no município de governador mangabeira-BA.** Projeto de mestrado, UFS, 2012.